


# IEB0269 – A Formação do Estado Brasileiro: Projetos, Políticas e Tensões (1822-1889)


Aula 05 – O aproveitamento econômico das terras portuguesas  
na América: a economia açucareira nordestina

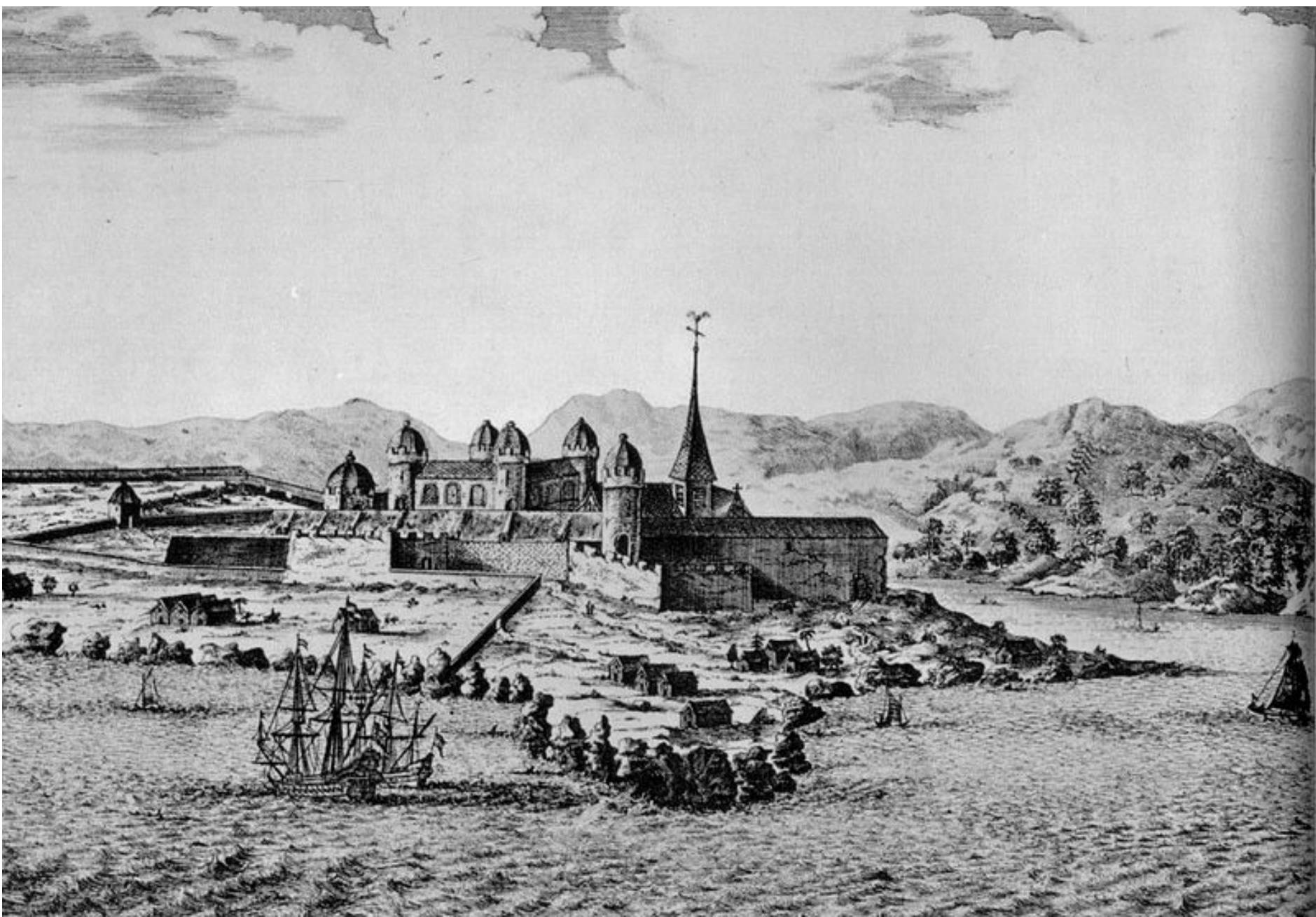


*A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa [...] uma consequência da pressão política exercida sobre Portugal e Espanha pelas demais nações europeias. Nestas últimas prevalecia o princípio de que espanhóis e portugueses não tinham direito senão àquelas terras que houvessem efetivamente ocupado.*



# Feitorias: o início da ocupação na historiografia tradicional

- ▶ Extração do pau-brasil e defesa do território contra invasões
  - ▶ As primeiras construções datam do período 1502-1504
  - ▶ Poucas foram duradouras, algumas malograram por falta de assistência, outras devido a ataques de populações nativas
- 



Feitoria portuguesa em São Jorge da Mina, construída em 1482. Vista em 1668.

Disponível em <http://www.colonialvoyage.com/west-africa-list-portuguese-colonial-forts-possessions/#>




Mapa "Terra Brasilis",  
Lopo Homem, 1519.






# Historiografia mais recente: o contrato de exploração

- ▶ Início século XVI: Portugal interessado no domínio do Marrocos e do comércio do Índico
- ▶ Brasil: nenhum produto de aproveitamento rápido
- ▶ Território ocupado por populações indígenas
- ▶ Ocupação por portugueses exigiria muitos gastos monetários
- ▶ Tal orientação perdura até o reinado de D. João III, 1521-1557




*Devido a essas prioridades, bem como ao interesse relativamente secundário, do ponto de vista econômico, de que se revestiam as terras ocidentais, o Venturoso decidiu aplicar ao Brasil [...] a solução adotada no reinado de D. Afonso V (1348-1481) para enquadrar a exploração geográfica e comercial da costa ocidental de África, consistindo em conceder [...] o exclusivo do comércio [...] a um grande mercador lisboeta, Fernão Gomes, que ficou contratualmente obrigado a mandar proceder ao reconhecimento de, pelo menos, 100 léguas de litoral por ano.*







*Em data anterior a 3 de outubro de 1502, D. Manuel I arrendou a Terra de Santa Cruz a uma associação de mercadores. O Contrato [...] tinha a duração prevista de três anos. Concedia o monopólio da exploração do território à sociedade encabeçada por Fernão de Loronha [...]*




*Entre as cláusulas estipuladas pela Coroa aos arrendatários contava-se o pagamento anual de 4.000 ducados, o envio todos os anos de uma esquadra de seis navios destinada a prosseguir o reconhecimento de, pelo menos, 300 léguas de costa, bem como a fundação e manutenção de uma feitoria fortaleza. No primeiro ano as mercadorias desembarcadas no reino ficariam isentas de impostos, no segundo ano pagariam 1/6 e no terceiro ano, 1/4 dos direitos alfandegários.*

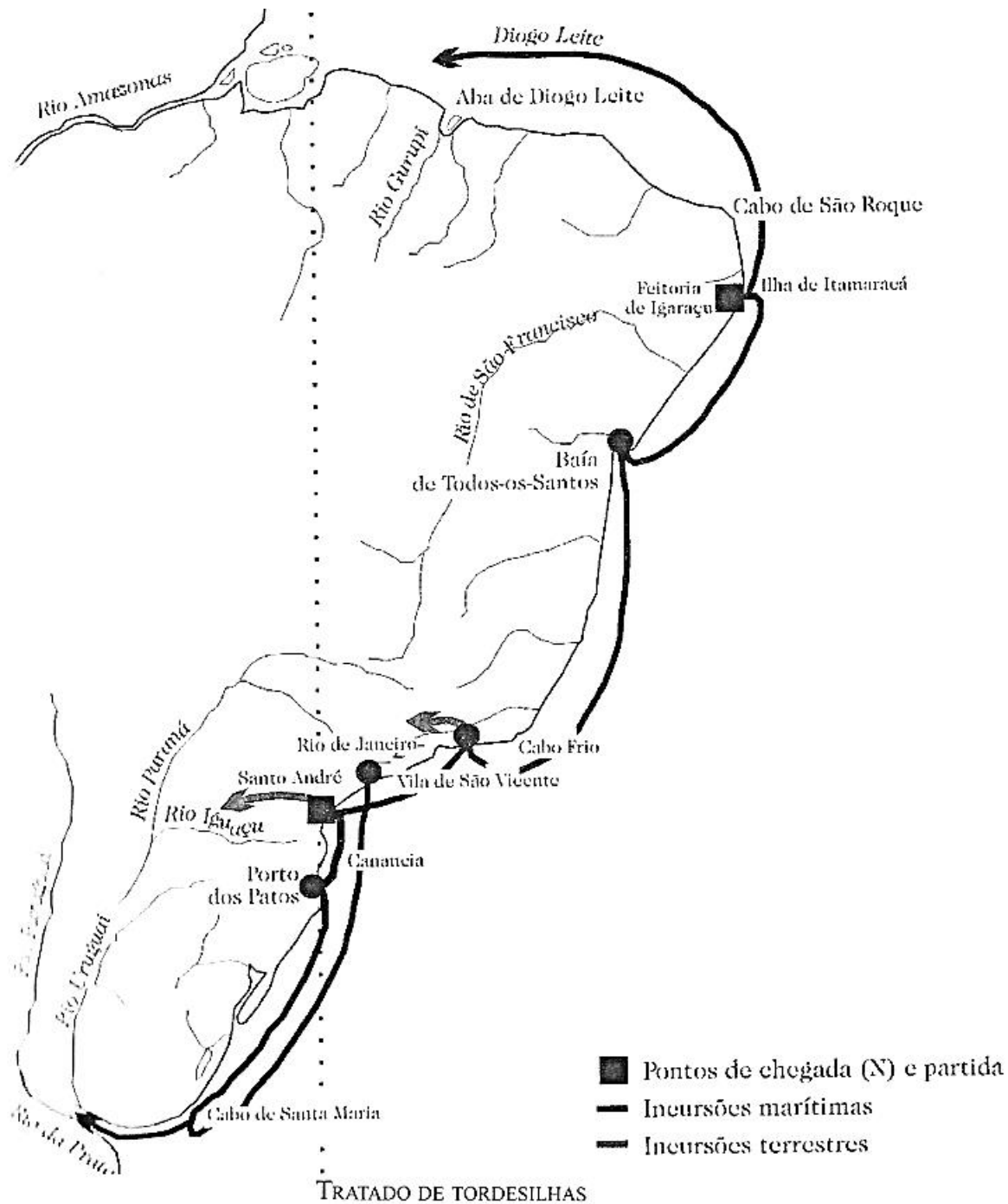


## D. João III, 1521-1557 (o Piedoso; o Colonizador)

- Esforços na manutenção da hegemonia portuguesa no Atlântico Sul
  - Prioridade para a ocupação de suas duas margens atlânticas
  - A colonização da Terra de Santa Cruz passa a ser organizada pela Coroa
  - Nesse sentido, é organizada a expedição de Martim Afonso e o território passa a ser dividido em capitanias
- 



*A Martim Afonso de Sousa foram fixados diversos objetivos: efetuar um aprofundado reconhecimento do litoral, do Amazonas ao Prata; proceder ao assentamento de padrões em locais estratégicos [...]; apresiar todos os navios franceses encontrados na “Costa do Pau-Brasil”; [...] procurar descobrir metais preciosos; efetuar experiências agronômicas e fundar povoações litorâneas.*



COUTO, Jorge. *A Construção do Brasil. Ameríndios, portugueses e africanos do início do povoamento a finais de Quinhentos*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 232.



## Os fatores de êxito da empresa agrícola açucareira

*“Um conjunto de fatores particularmente favoráveis tornou possível o êxito dessa primeira grande empresa colonial agrícola europeia.” (FURTADO)*



A terra do Brasil he a que parte a linha vermelha desta do peru, a qual linha he q de maracá com que os reys da castella ou catholicos dom fernão e dona izabel e elrey dom joão o 2º de portugal fizeram no delcobrimto geral as capitánias que saõ repartidas per lhosas e melhas. São meroz que os reys de portugal dom joão e dom sebastião em seu filios, e a reccia de se nome se guesse a honra que muy bem es, seruitam no delcobrimto e conquista dos Indios orientales, e que de sua Magestade soy de Fr. Pereira reynaa q mozeu no fican do sen e d e f. fican e corpa, nella gha abo hia de lo dos santos, e cidade do Saluador onde affite, e se pua e do arcebispo. Todas as mayt lam vilhas. e se aplo a cidade de São Sebastião no Rio de Janeiro, capitania de Jero de Góes, a qual cidade soy tomada aos francezes pello gverno do r. de São. as melhores em a yricas, dellas capitánias São de sua Magestade, ea de Jorge Albuquerque, ellas lam as quemats Pyrenice, leua de aluor, cast. tem muyto. Itale. de meroz e de m. em cada hua dellas capitánias pella costa do mar. se legoa e, e pra o seta e tont e ate che gar a linha da demarcação como a repartição dellas se ve. he pouada esta terra do Brasil da de portugal qes quãto d'hem as Capitánias e nome. ha colla de mar equade muito 15. 20 legoas pello seta o hemuy pouada do gntu d'aterra, tem muytas malinasas, em partes della ha Ouro affi de muyto como de la uage.


# Capitanias hereditárias, Luís Teixeira.

"Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, e derrotas que há na costa do Brasil desde o cabo de Santo Agostinho até ao estreito de Fernão de Magalhães"



(ca. 1586. Lisboa, Biblioteca da Ajuda)



# O açúcar e os Portugueses

- ▶ A produção açucareira no Atlântico e a experiência adquirida (Furtado; Boxer)
  - ▶ A parceria com os holandeses
  - ▶ A utilização do escravo negro africano
  - ▶ D. João III e a expedição de Martin Afonso
- 







Quaisquer que pudessem ter sido os números reais, não há dúvida de que a rápida expansão da indústria açucareira no Brasil, de 1575 a 1600, era um dos maiores acontecimentos do mundo atlântico da época. [...] No fim do século, um produtor podia vangloriar-se junto ao governo de Lisboa de que o açúcar do Brasil era mais lucrativo para a monarquia ibérica do que toda a pimenta, especiarias, joias e mercadorias de luxo que os navios mercantes importavam da ‘Goa dourada’.




# A Espanha e o monopólio português


- ▶ A descoberta precoce de metais por parte da Espanha
  - ▶ A política colonial espanhola: as frotas
  - ▶ A falta de investimento em outras atividades produtivas
- 



# A produção do açúcar no Brasil, seu caráter industrial e moderno



*O sistema brasileiro foi considerado o melhor no século XVI, como se evidencia pelo desejo de outras potências coloniais em copiá-lo. Mestres de açúcar e outros especialistas portugueses foram empregados no México no período de 1580 a 1640 e, em Barbados, os ingleses aprenderam a fazer açúcar barreado enviando pessoas a Pernambuco para adquirir o conhecimento necessário.*




*[...] o fabrico do açúcar já apresentava características nitidamente manufatureiras de divisão do trabalho. O açúcar já era, nos primeiros engenhos brasileiros, produto do ‘trabalhador coletivo’.*

*Isto, para a época, era um progresso extraordinário, como forma de trabalho em cooperação, e uma antecipação da total ruptura das formas de divisão profissional do trabalho prevalecente na produção artesanal.[O] caráter capitalista [da manufatura do açúcar] aparece mascarado pela existência da escravidão.*



# As etapas da produção

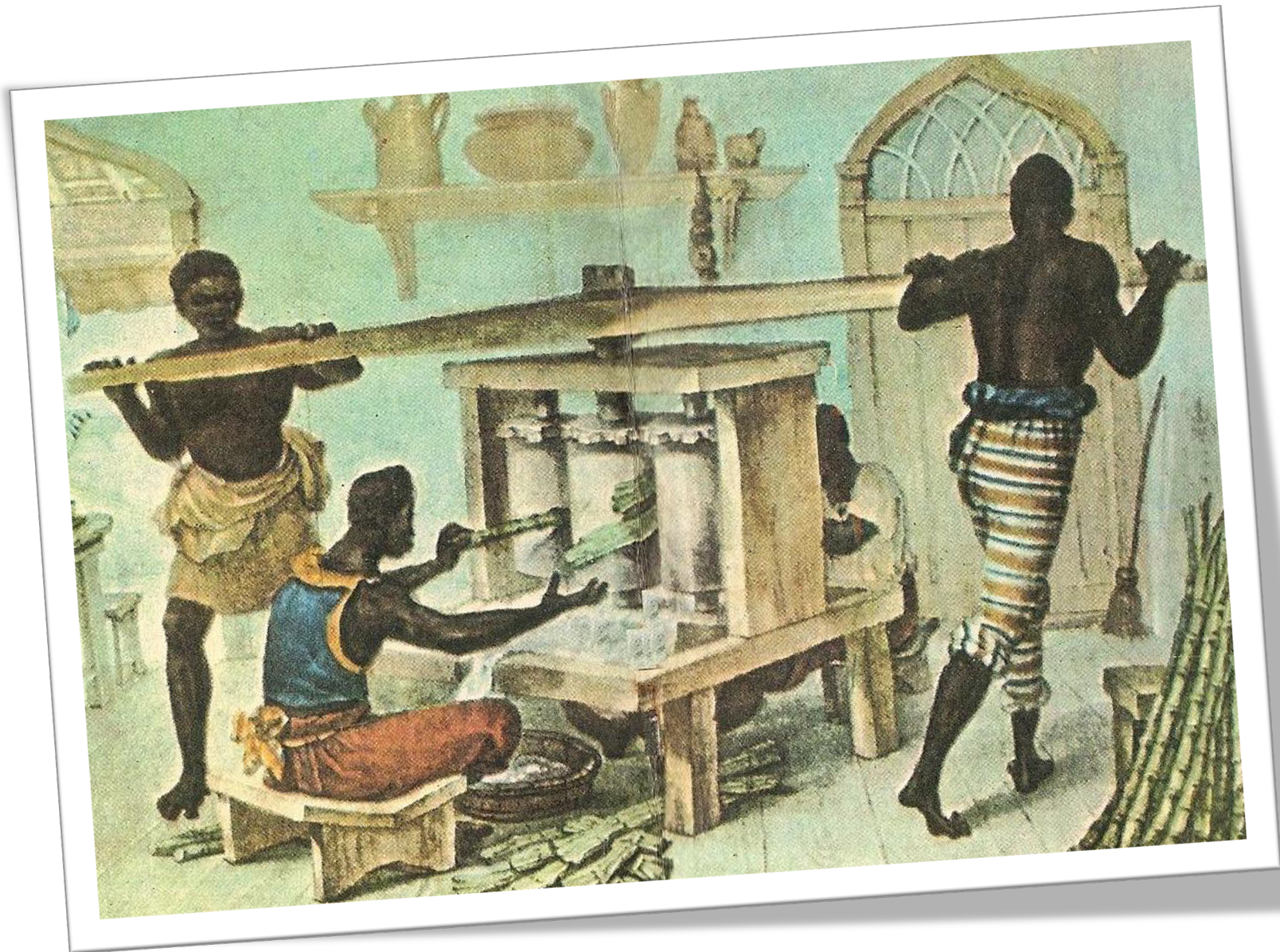
- ▶ Plantio dos canaviais, colheita, processamento da cana e feitura do açúcar
  - ▶ Colheita, moagem, cozimento do caldo, purga e refino
  - ▶ Desde o plantio dos canaviais era pensado a fim de serem cortadas as canas no momento certo
  - ▶ Na entressafra era feita a manutenção das máquinas do engenho, renovados os contratos de fornecimento de cana e lenha
- 



Engenho dos Erasmos, Santos.







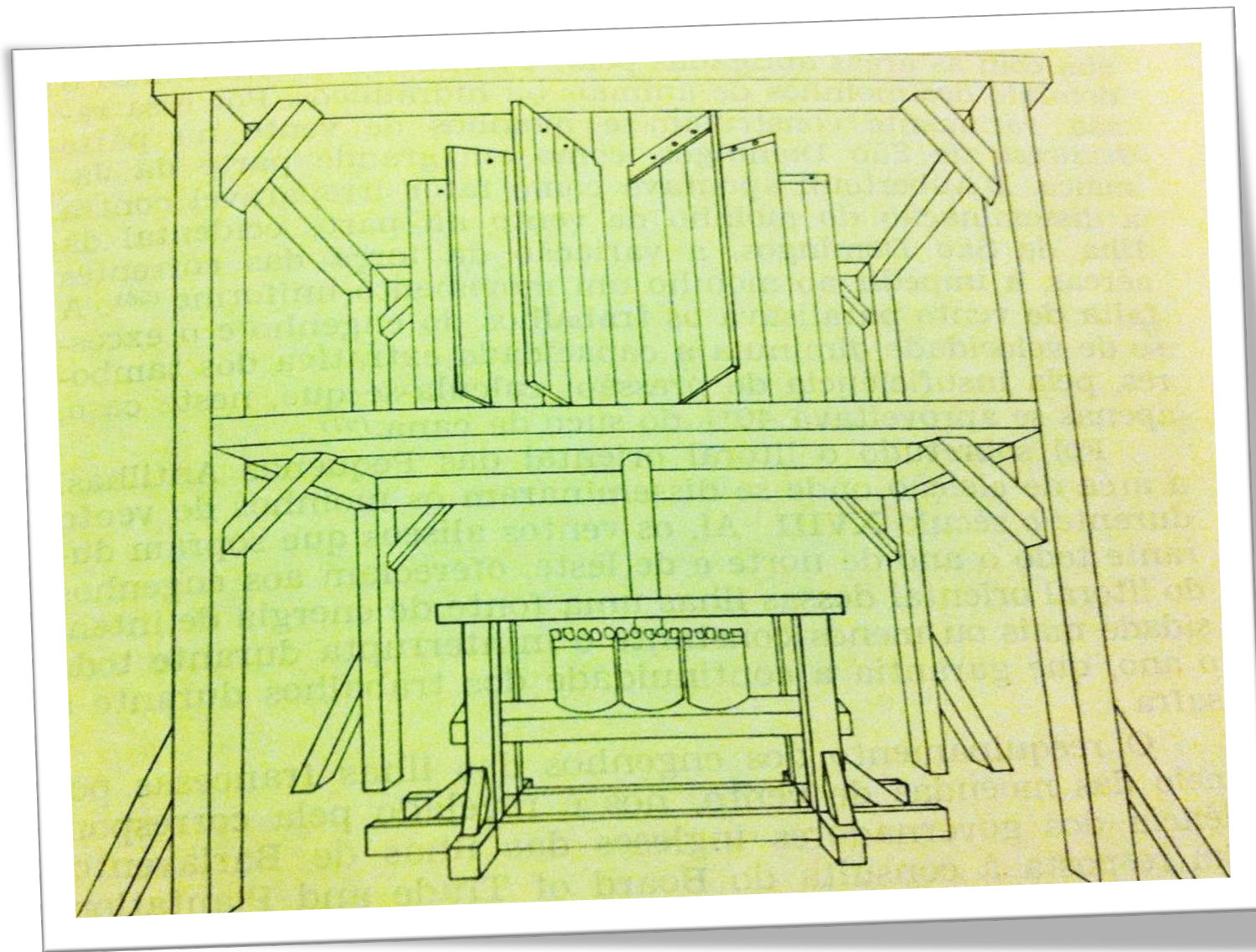
Processo de moagem em pequena escala





Moagem em grande escala utilizando moenda hidráulica



Moagem utilizando força motriz animal

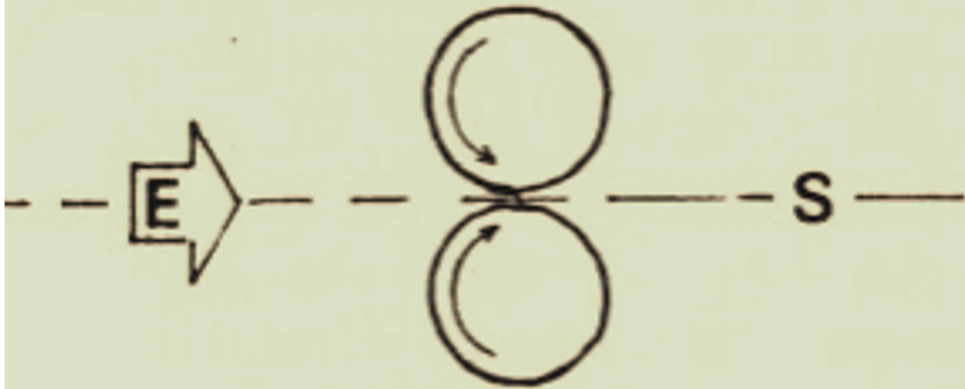


Moagem em grande escala utilizando moenda eólica

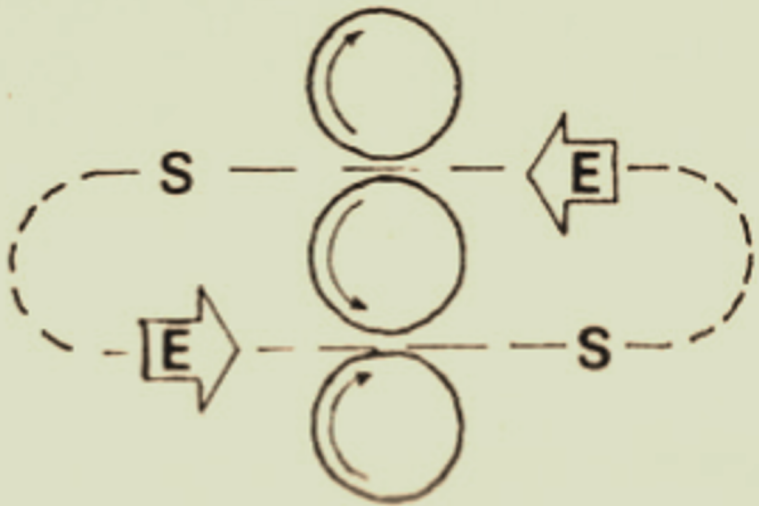


*Em alguma data entre os anos de 1608 e 1613, um novo tipo de moenda foi introduzido no Brasil. Também baseava-se no sistema de tambores. Porém, em vez de apenas dois deles dispostos horizontalmente, os tambores ficavam agora em posição vertical [...]*

# MOENDA DE ROLOS — Corte



# MOENDA DE ENTROSAS — Planta



## Ruptura tecnológica:

Moenda de Rolos

X

Moenda de Entrosas

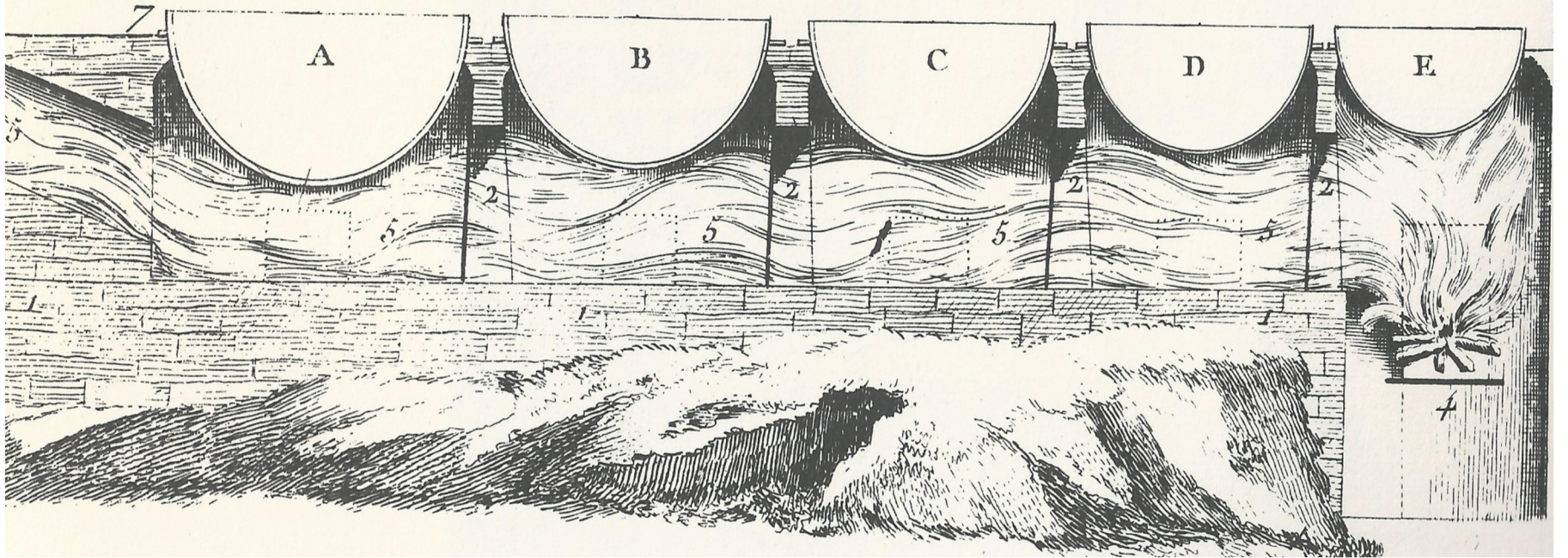
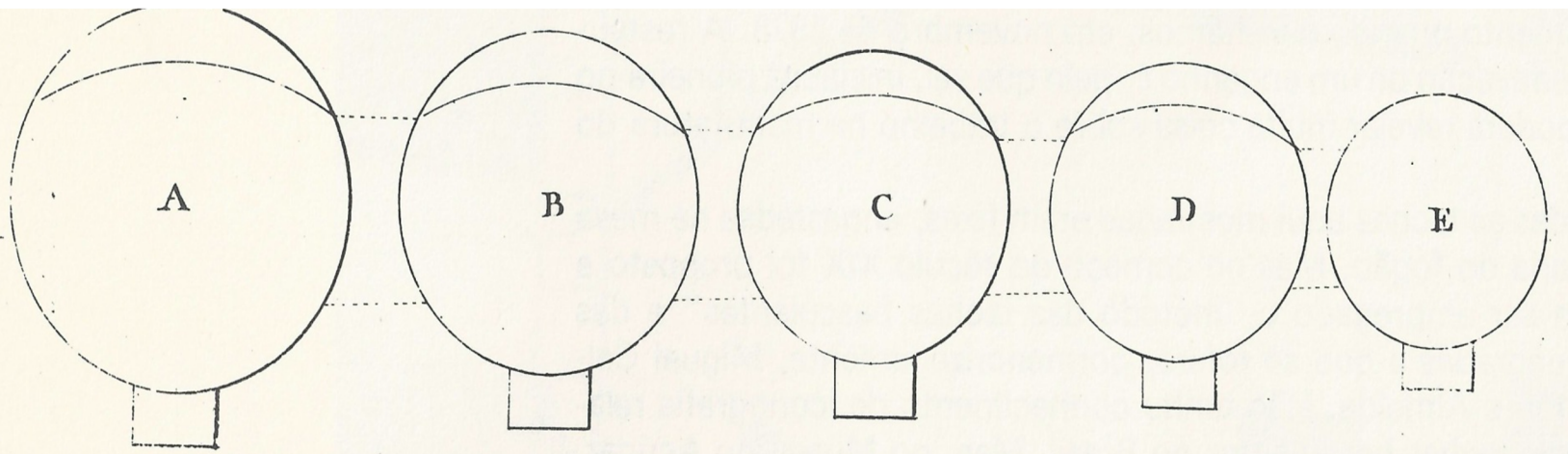


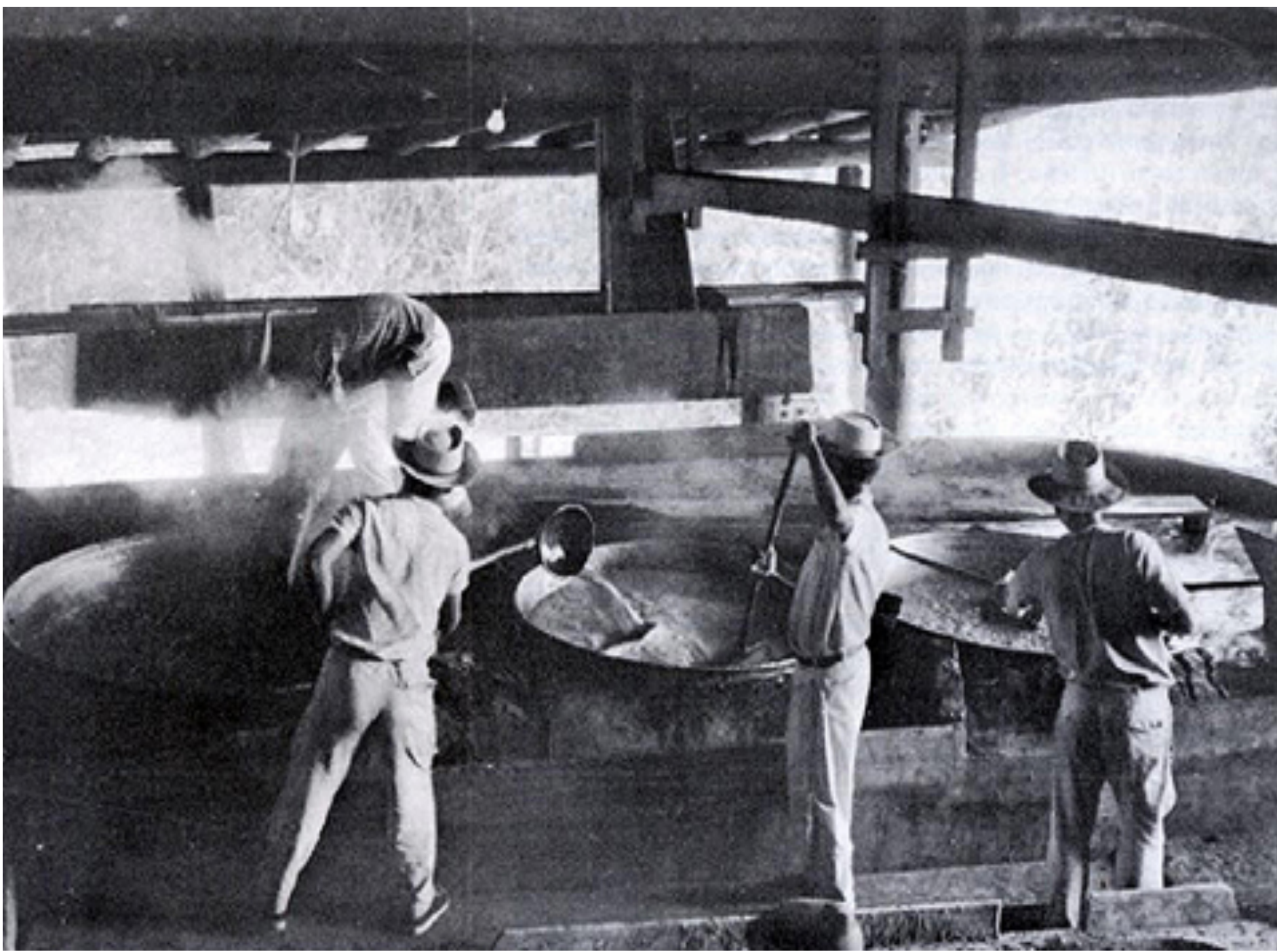
O cozimento do  
caldo

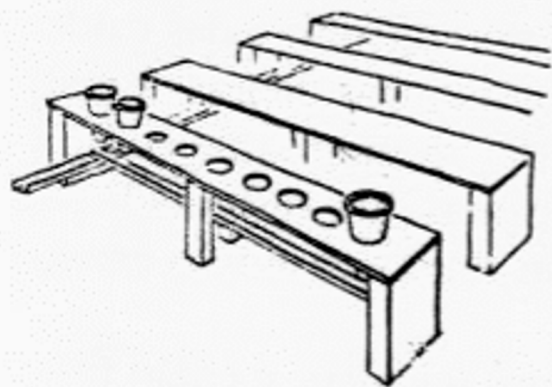


Tachos de cobre, Engenho do Vassoral, Itu









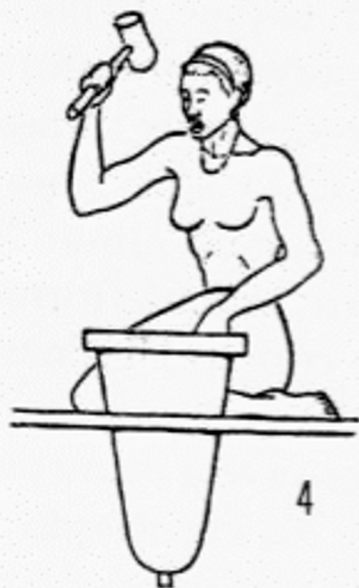
1



2



3



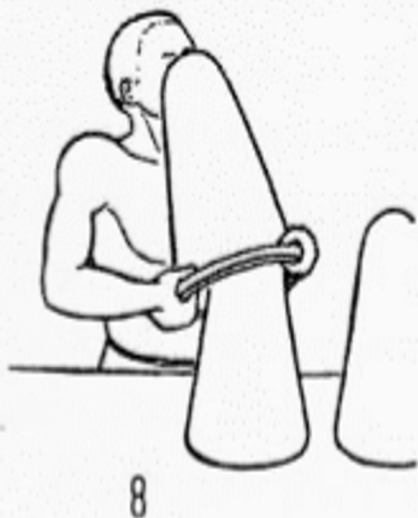
4

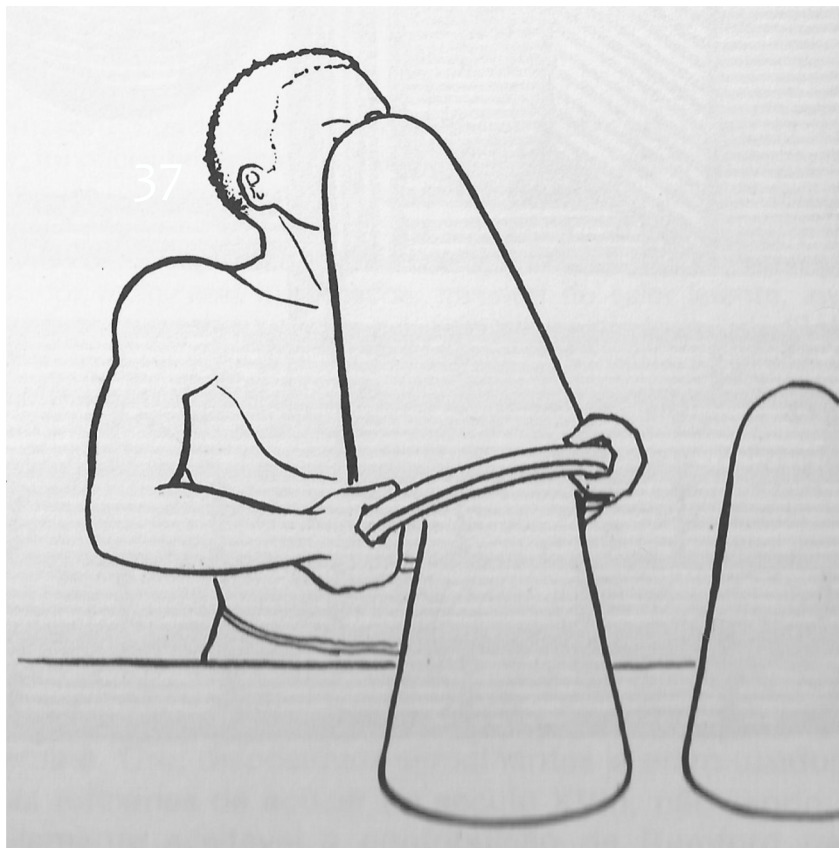


5

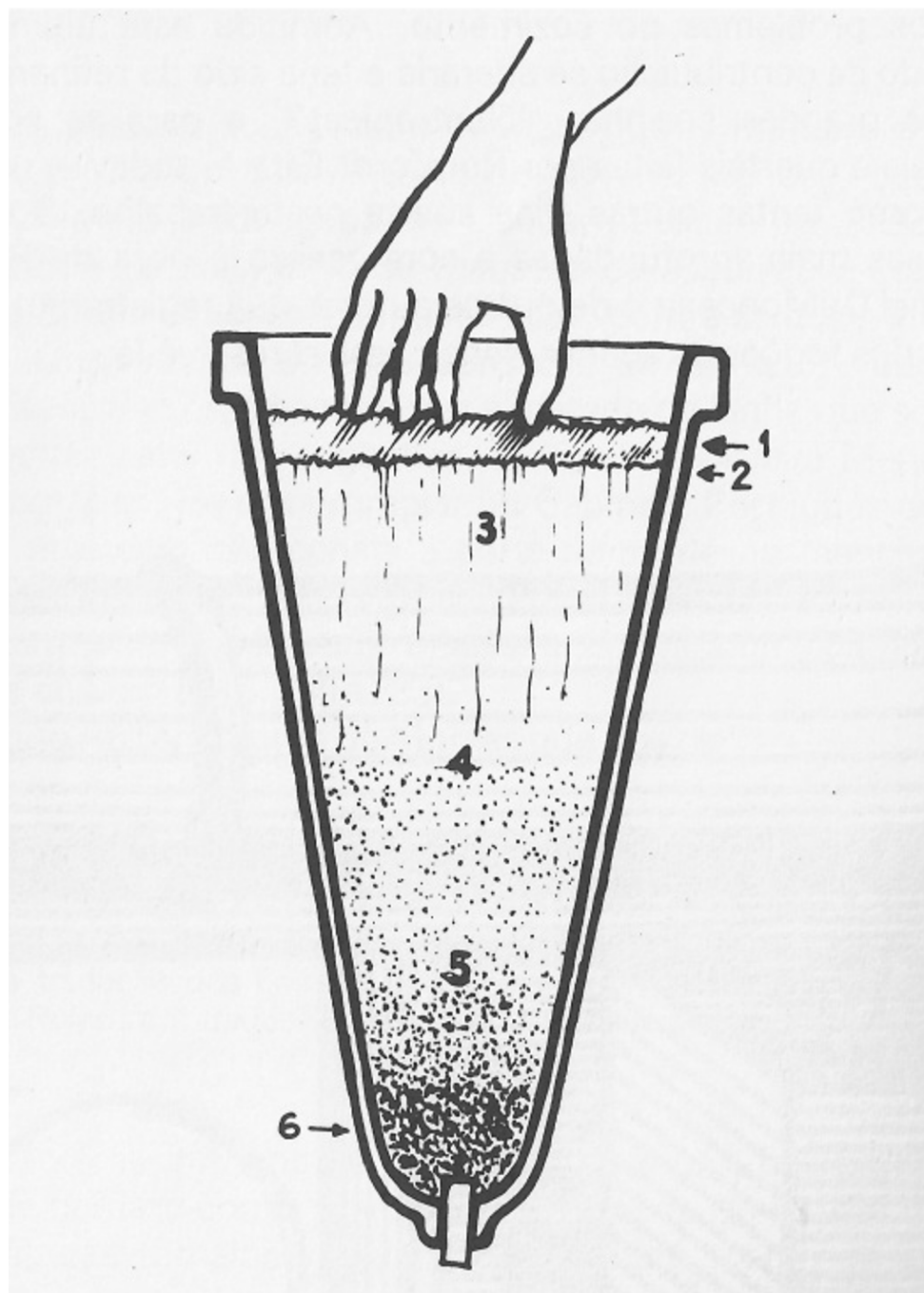


6





1. Camada de argila
2. Camada de argila saturada de água
3. Açúcar branco “de cabeça” ou de “cara de forma”
4. Açúcar mascavo claro
5. Açúcar mascavo escuro
6. Cabucho, açúcar escuro e úmido











A controvérsia sobre o refino






## Antonil e o refino

- ▶ Antonil registra quantidades de açúcar branco sendo exportado (1711)
  - ▶ Miguel Calmon du Pin e Almeida também registra açúcar branco saído do Brasil sendo consumido na Europa (1834)
  - ▶ Ruy Gama mostra proporções constantes de açúcar branco no pão de açúcar
  - ▶ Refinarias na Europa – questão técnica?
- 




*Se se tem em conta que os holandeses controlavam o transporte (inclusive parte do transporte entre o Brasil e Portugal), a refinação e a comercialização do produto, depreende-se que o negócio do açúcar era na realidade mais deles que dos portugueses. Somente os lucros da refinação alcançavam aproximadamente a terça parte do valor do açúcar em bruto.*





*[...] a refinação se desenvolve na Europa apoiada no trabalho livre, familiar e artesanal. Envolta em segredos de ofício, meio misteriosa, como de resto era misteriosa a própria cristalização, ela empregava ingredientes como o sangue e a clara de ovos.*


*Somente em meados do século XVII começam a ser rompidas as barreiras dos segredos concomitantemente com o abalo do prestígio das corporações de ofício.*




*Um aspecto peculiar da atividade açucareira no Brasil foi a total ausência de refinarias, não só na colônia mas também na metrópole. O Brasil tornou-se famoso por seu açúcar ‘barreado’, que resultava em açúcares brancos de qualidade superior, e no pardacento e inferior mascavado. Ambos os tipos eram apropriados para o consumo imediato.*




*Os segredos da técnica de refinação foram conservados muito mais zelosamente: ainda em 1612 o Conselho de Veneza – cidade que durante muito tempo havia monopolizado a refinação de todo o açúcar que se consumia na Europa – proibia a exportação de equipamentos, técnicos e capitais ligados a essa indústria.*



*Antes de marcar as caixas, é necessário falar de várias castas de açúcar, que separadamente se encaixam, porque também nesta droga há sua nobreza, há casta vil, há mistura. Há, primeiramente, açúcar branco e mascavado; o branco toma este nome da cor que tem, e muito se louva e estima no açúcar mais admirável, porquanto se lhe comunica do barro.*



*Do branco há fino, há redondo e há baixo; e todos esses são açúcares machos. O fino é mais alvo, mais fechado e de maior peso, e tal é ordinariamente a primeira parte, que chamam cara da forma. O redondo é algum tanto menos alvo, e menos fechado; e tal é comumente o da segunda parte da forma; e digo comumente porque não é esta regra infalível, podendo acontecer que a cara de algumas formas seja menos alva e menos fechada que a segunda parte de outra forma. O baixo é ainda menos alvo e quase trigueiro na cor [...]*



*Certamente, o estabelecimento dessas refinarias na Europa não correspondia a uma política da produção, do ponto de vista tecnológico, mas a um objetivo de sujeição e subordinação colonial. Objetivava-se, conscientemente, que o desenvolvimento das colônias, em qualquer ramo da produção, fosse inferior ao da metrópole e dela dependesse.*





## Alguns valores apresentados por Antonil

- ▶ Custo de uma caixa de açúcar branco macho de trinta e cinco arrobas (aproximadamente 525 quilos) em Lisboa: 84\$560 rs
  - ▶ Sendo os custos mais expressivos o do açúcar propriamente dito (56\$000) e o transporte por navio (11\$520)
- ▶ Custo de uma caixa de açúcar branco batido de trinta e cinco arrobas: 69\$488

# Outros dados de Antonil

*“Caixas de açúcar que ordinariamente se tiram cada ano da Bahia; e o que importa o valor delas a 35 arrobas”*

| Tipo de açúcar       | Valor por caixa | Quantidade de caixas | Valor total    |
|----------------------|-----------------|----------------------|----------------|
| Branco macho         | 84\$560         | 8.000                | 676:480\$000   |
| Mascavado macho      | 60\$742         | 3.000                | 182:226\$000   |
| Branco batido        | 69\$488         | 1.800                | 125:078\$400   |
| Mascavado batido     | 46\$935         | 1.200                | 56:322\$000    |
| Para consumo interno | 60\$200         | 500                  | 60:100\$000    |
| Totais               |                 | 14.500               | 1.070:206\$400 |




# A rentabilidade da economia açucareira

- ▶ Estimativas divergentes na historiografia, partindo das análises de Furtado e Mauro
  - ▶ Lucros sobre o capital investido entre 1,2% e 80%
- ▶ Os resultados de Schwartz (Segredos Internos)
  - ▶ As taxas de lucro ficariam entre 10% a 15%



# Dados disponíveis (Schwartz)

- ▶ Contabilidade teórica do Padre Estevão Pereira (1635)
- ▶ Escrituração verdadeira do Engenho Sergipe (1611-1754)
- ▶ Avaliação de um grupo de senhores de engenho descontentes (1751)
- ▶ Contabilidade do Engenho Buranhaém (1796-1801)
- ▶ Contabilidade dos engenhos beneditinos (mais de um século)
- ▶ Contabilidade dos engenhos Passagem, Cachoeirinha e Santa Inês (1822-1823)

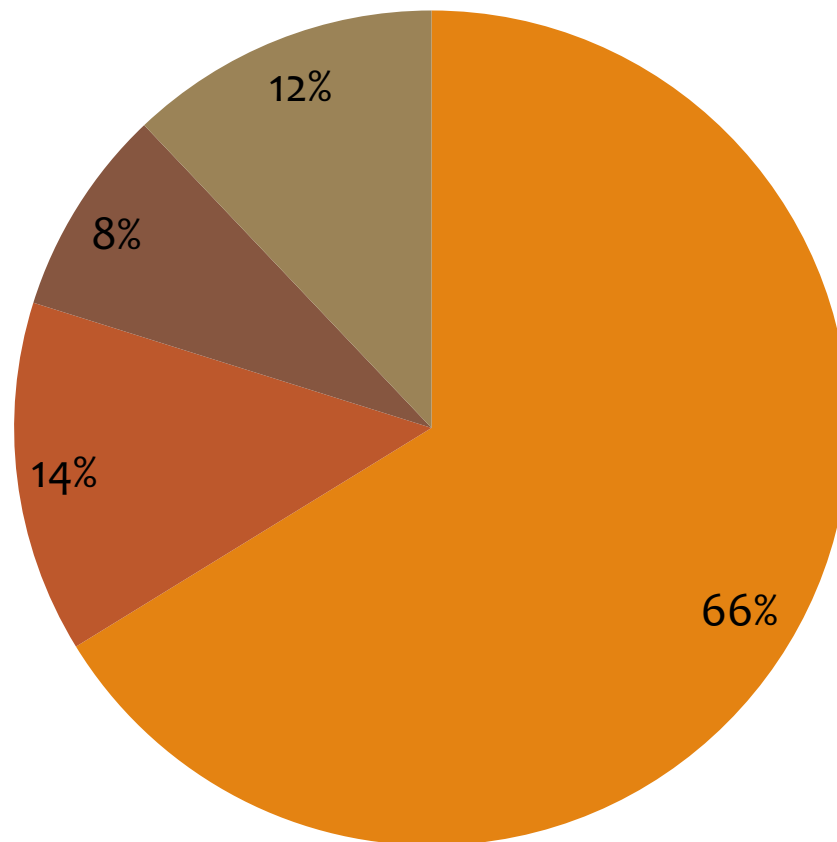


*Ponderadas as flutuações da indústria açucareira, esta revelou-se em essência um negócio lucrativo para os senhores de engenho.*

# Custos de uma caixa de açúcar branco macho de trinta e cinco arrobas\* (Antonil, 1711)

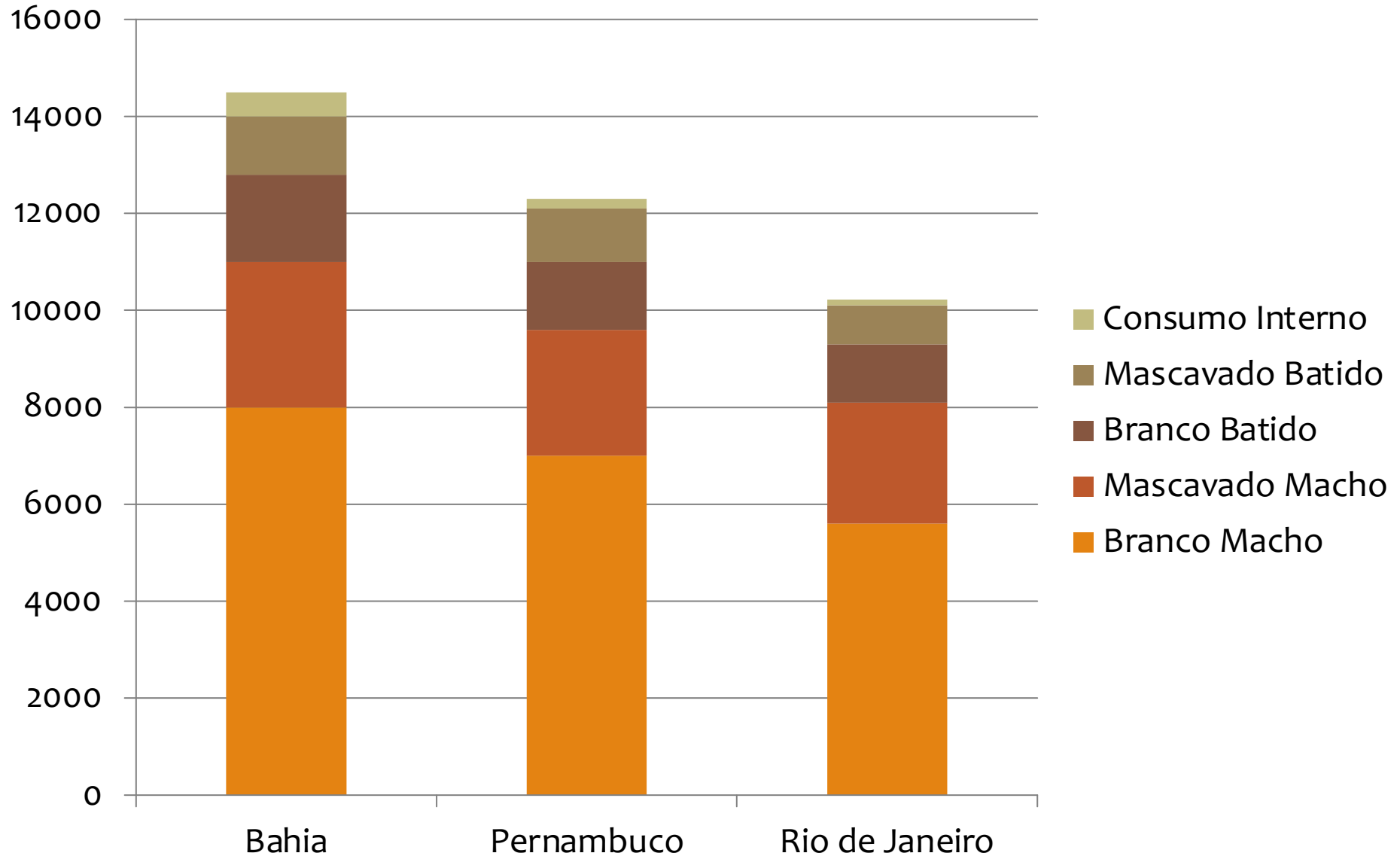
| Despesa   | Valor   |
|---|---------|
| Pelo caixão e 86 pregos para o mesmo  | 1\$520  |
| Por se levantar o dito caixão   | \$050   |
| Por 35 arrobas de açúcar a 1\$600   | 56\$000 |
| Por carroto à beira-mar (2\$000) e depois até o trapiche (\$320)  | 2\$320  |
| Por guindaste no trapiche (\$080); por entrada no mesmo trapiche (\$080); por aluguel do trapiche (\$020) e por se botar fora do trapiche (\$160) | \$340   |
| Por direitos do subsídio da terra   | \$300   |
| Por direito para o forte do mar   | \$080   |
| Por frete do navio a 20\$   | 11\$520 |
| Por descarga em Lisboa, para a alfândega  | \$200   |
| Por guindaste na ponte da alfândega   | \$040   |
| Por se recolher da ponte para o armazém   | \$060   |
| Por se guardar na alfândega   | \$050   |
| Por cascavel de arquear, por cada arco  | \$080   |
| Por obras, taras e marcas   | \$060   |
| Por avaliação e direitos grandes, a 800 réis, e a 20 por 100  | 5\$600  |
| Por consulado a 3 por 100   | \$840   |
| Por combói a 140 réis por arroba  | 4\$900  |
| Por maioria   | \$600   |
| O que tudo importa  | 84\$560 |

# Preço de uma caixa de açúcar branco macho de trinta e cinco arrobas, cf. Antonil. (aprox. 514 kg)



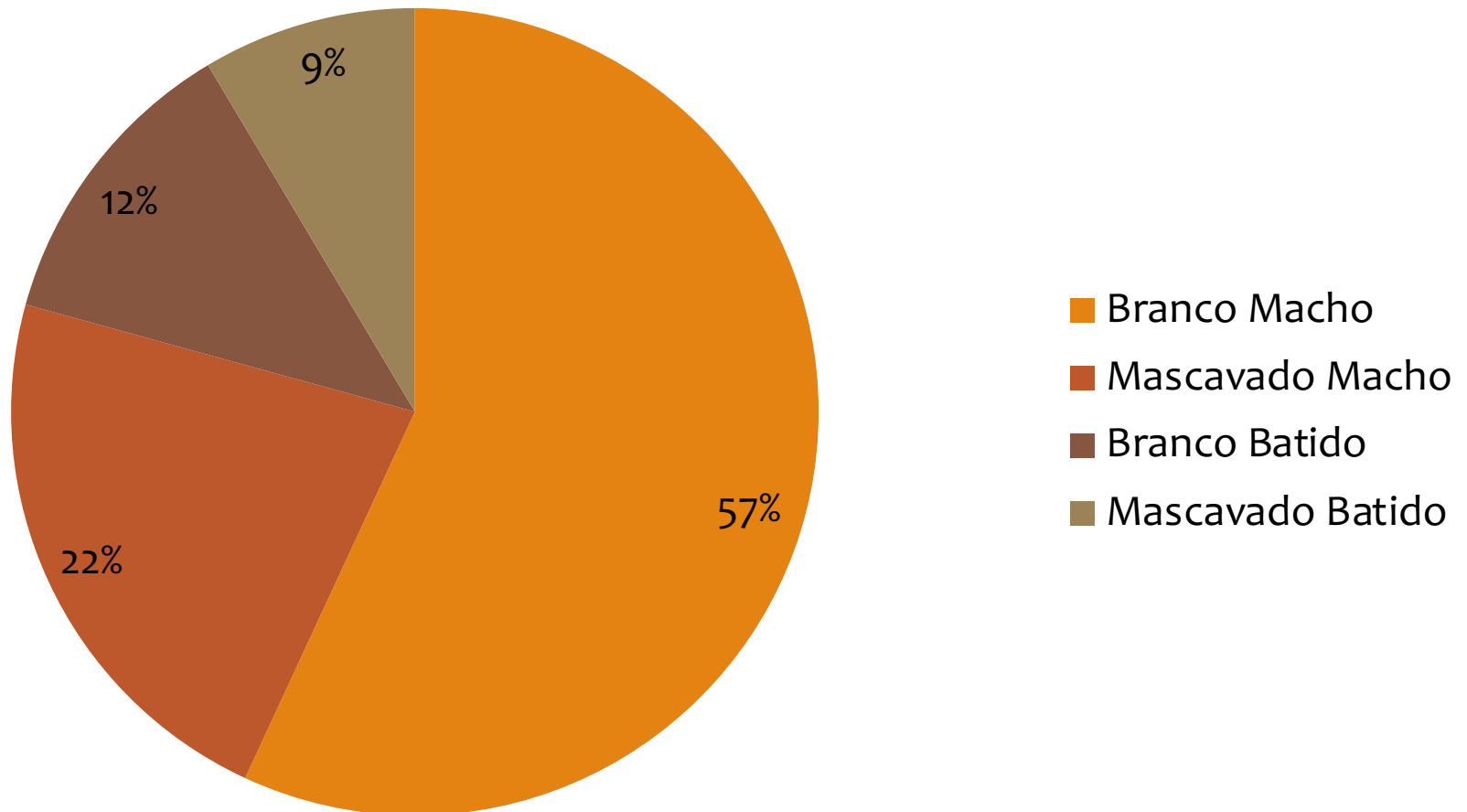
■ 35 arrobas de açúcar ■ Frete de navio ■ Impostos e taxas ■ Outros


# Produção de açúcar, 1711





# Produção de açúcar, 1711 (tipos de açúcar)





# Produção açucareira no Brasil atual: uma ideia de escala



Vista aérea Usina São Martinho, Pradópolis.





ZANINI RENK